



O QUE RESTA

(visto por quem parte de novo)

F E R D I N A N D O F R E G A

**“Uma clínica cura os pacientes.
Uma comunidade que acolhe ampara as
pessoas.”**

I. O que resta

Eu estava na sala de recreação, aquela aberta aos pacientes para o descanso da tarde, o cigarro, a conversa — e a nós, acompanhantes, à espera de levar os nossos doentes de volta para casa.

Não estava inquieto, mas estava atento: a como uma pessoa se torna frágil dentro da doença, muitas vezes incapacitante e sem saída, uma doença que não olha a idade de ninguém.

Havia cinco homens e uma mulher, todos sentados em cadeiras de rodas. Voltaram-se para mim e começaram a perguntar quantos anos eu tinha, que trabalho fazia, do que me ocupava, qual era a minha vocação; e por fim quiseram saber o que eu pensava sobre certas questões de política e de religião, e sobre algumas figuras públicas.

Os olhos deles estavam apagados, os olhos de quem apenas espera ver a luz se apagar. E, em vez disso, eu, essa luz, voltei a acendê-la.

É o meu jeito de estar com as pessoas: fazê-las sorrir. Não sou ator, nem bobo da clínica — apenas um homem como muitos, mas não tão comum quanto o pão.

Então me pediram uma história. E aqui devo ser honesto com o leitor: a que contei não era uma piada polida, e eu não a teria contado em nenhum outro lugar. Mas ali, naquela sala, a permissão de rir do que a vida lhes tinha tirado cabia a eles dar, a si mesmos. E foram eles que me pediram. Por isso a relato tal como foi, porque limpá-la por inteiro seria traí-los.

Deixem-me contar — eu disse — sobre um homem numa cadeira de rodas, sem braços e sem pernas, que um dia respondeu a um anúncio num site de encontros.

E se alguém não sorrir, acrescentei, não é culpa minha: só quererá dizer que hoje não é o dia dele.

Uma mulher muito rica, já de idade avançada — uns oitenta anos —, ajudada pela sobrinha de quarenta e cinco anos, procurava um marido. Mas, depois de tudo o que a vida lhe tinha ensinado, tinha ideias claras sobre o tipo de homem que queria:

um que nunca levantasse as mãos, um que ficasse em casa e — digamos assim — um homem de proporções generosas.

Bateram à porta. Ela encontrou diante de si aquele homem numa cadeira de rodas, sem braços e sem pernas, mas jovem e bonito, que vinha candidatar-se ao anúncio.

Ela o entrevistou.

Queria um homem que nunca levantasse as mãos: e ele não tinha braços. Primeiro ponto a seu favor.

Queria-o caseiro, quieto: e ele estava sem pernas, na sua cadeira. Segundo ponto a seu favor.

E por fim disse-lhe que o queria bem dotado. E ele, com toda a seriedade, respondeu: “Senhora... e com o quê acha que bati à porta?”

Nesse ponto os cinco homens caíram na gargalhada e não conseguiam parar. Mas a mulher permaneceu séria, impassível. E toda a minha atenção se voltou para ela.

Para ela eu não tinha uma segunda versão, não tinha preparado nada. Mas tive um lampejo de inspiração: disse-lhe que, se ela quisesse, lhe daria o número de telefone daquele candidato. Os olhos dela se iluminaram, ela sorriu e disse: sim, sim.

Eu tinha conquistado um sorriso dela. Tinha alcançado o meu objetivo. Era tudo o que restava daquele momento — e era o bastante.

Quando saí da instituição, todos me perguntaram quando eu voltaria, e se eu tinha outras histórias.

II. Epílogo

As pessoas acreditam que o que resta é um prontuário médico, uma radiografia, uma terapia para continuar em casa, ou um número de telefone rabiscado às pressas num pedaço de papel.

Estão enganadas.

Quando uma pessoa deixa uma instituição, leva consigo quase nada daquilo que foi usado para curá-la.

Leva consigo as pessoas.

Leva consigo as vozes.

Os hábitos.

Os corredores.

Os horários.

Os rostos que, durante semanas, ou durante meses, marcaram o tempo da sua vida.

A medicina fica nos arquivos.

A memória segue outro caminho.

E é dessa memória que eu quero falar.

III. Página do Autor

Esta obra não foi encomendada.

Não foi vendida.

Não foi feita com fins comerciais.

Foi escrita para dar testemunho do valor da reabilitação, da dignidade humana e da relação entre as pessoas.

A única retribuição pedida é um dólar simbólico — não como pagamento pela obra, mas como testemunho de um compromisso partilhado com uma cultura de cuidado, esperança e responsabilidade.